

O "efeito Moro"
propagou-se



A ELEIÇÃO DA LAVA JATO

A DEMONIZAÇÃO DA POLÍTICA AFASTA
OS MAIS POBRES DAS URNAS EM UMA DISPUTA
QUE TEVE UM GRANDE DERROTADO, O PT

POR RENAN TRUFFI

Dois fenômenos desmontaram nas eleições municipais deste ano, ambos com uma relação umbilical. O número de abstenções, votos brancos e nulos passaram de 30% nas principais cidades, prova do efeito deletério da demonização da política. Quem mais recusou a votar foram os moradores das periferias pobres. Ao mesmo tempo, o PT sofreu seu maior revés eleitoral na história. Em relação à disputa de 2012, o partido perdeu 10 milhões de votos e 242 prefeituras. Foi ultrapassado até pelo PSB no número de cidades governadas, o que levou a agremiação fundada por Miguel Arraes a se proclamar a principal “força de esquerda” do Brasil. Tais resultados podem ser creditados diretamente na conta do juiz Sérgio Moro e da força-tarefa da Lava Jato.

O desinteresse da população foi cristalino: 25 milhões de eleitores, 17,5% do total, não votaram no primeiro turno. A soma das abstenções, brancos e nulos supera a votação conjunta dos candidatos em primeiro e segundo lugar em 22 cidades. Em dez capitais, São Paulo e Rio de Janeiro incluídos, foram maiores do que os votos conquistados pelos primeiros colocados.

A eleição paulistana foi a mais emblemática. A cidade bateu um novo recorde de abstenção, 21,8%, o equivalente a pouco mais de 1,9 milhão de eleitores. Foram 367 mil votos em branco e 788 mil anulações. No fim das contas, cerca de um terço do eleitorado de São Paulo decidiu abster-se da escolha do próximo prefeito. Vencedor em primeiro turno, com 53%, o tucano João Dória amalhou menos, 3,08 milhões de votos. A campanha do PSDB na capital paulistana captou a rejeição à política. Além do antipetismo, parece ter funcionado a favor do “empresário” o

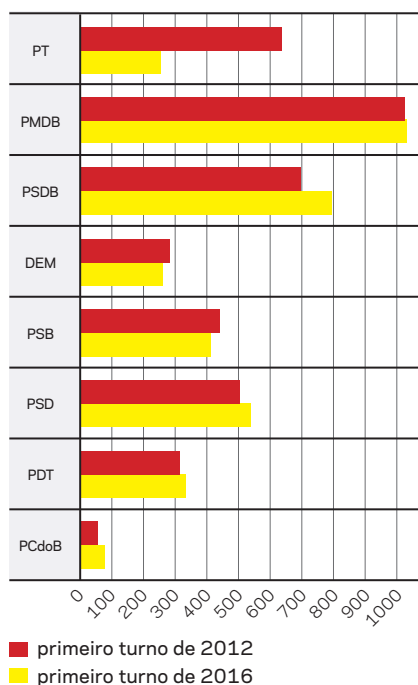


Falcão defende Lula na presidência do partido

EM COMPARAÇÃO A 2012, O PT PERDEU 10 MILHÕES DE VOTOS E 242 PREFEITURAS PAÍS AFORA

A DESIDRATAÇÃO DO PT

Número de prefeituras conquistadas



fato de ter se apresentado como “gestor”, um *outsider* (estratégia semelhante levou Fernando Collor à Presidência da República em 1989). “Todos os partidos foram vítimas do voto útil, que faz com que os eleitores votem em quem não querem. Tivemos quase 35% de desistências em São Paulo. Foi uma derrota do modelo eleitoral”, critica Ricardo Young, atual vereador e candidato da Rede.

Os votos que deixaram o PT migraram de forma aleatória e não se pode apontar exatamente um vencedor, embora o PSDB tenha sido o partido mais beneficiado no primeiro turno. Os tucanos foram os mais votados e aumentaram o número de prefeituras, conforme se vê no gráfico nesta página. Houve ainda vitórias pessoais, como a reeleição consagradora de ACM Neto em Salvador (mais de 70% dos votos), que fez nascer o “neocarlismo” na Bahia e projeta o prefeito como um candidato competitivo ao governo estadual em 2018.



Grande parte dos antigos eleitores petistas optou, no entanto, por legendas de esquerda e agremiações criadas há poucos anos, sem clara distinção ideológica. A dispersão impediu que as forças em disputa pelo espólio petista (PSOL, PCdoB, PDT e Rede) pudessem se declarar herdeiras naturais. Parceiro histórico da legenda de Lula, o PCdoB cresceu 52%, é fato, mas continua distante dos maiores em números absolutos. Passaram de 51 prefeituras para 80. E mais da metade delas ficam no Maranhão (46%), estado governado por Flávio Dino, cujo índice de aprovação beira os 60%.

Apesar de ter conseguido o maior feito das esquerdas, levar Marcelo Freixo para o segundo turno no Rio de Janeiro, o PSOL conquistou duas prefeituras no domingo 2, mesmo número de 2012. Além da capital fluminense, continua na disputa em outras duas cidades, entre elas Belém do Pará. “O PSOL tem pouco espaço para crescer, pois repete o estilo do PT dos anos 1980”, afirma o cientista político Cláudio Couto, da Fundação Getúlio Vargas. “Mas não estamos mais nos anos 1980. Boa parte das posições atuais do PSOL foi abandonada pelo PT ao longo do tempo. Eles romperam com o governo Lula por conta da reforma da Previdência. Pergunto: não é necessário debater uma reforma da Previdência?”

Paradoxalmente, o maior desafio de Freixo no Rio de Janeiro é conquistar os votos da periferia. A exemplo de Fernando Haddad em São Paulo, o candidato do PSOL foi muito mal nas áreas pobres. Seus piores índices vieram de bairros como Santa Cruz, na zona oeste da cidade. Freixo tem, inclusive, dificuldades concretas de penetração nessas regiões. Por causa de sua atuação em uma CPI na Assembleia Legislativa que apurou a atuação das milícias, sofreu ameaças de morte, é obrigado a andar com seguranças e não pode circular livremente por certos bairros dominados pelo crime. Em consequência, o psolista viu-se obrigado a apostar na classe



As prisões de Palocci e Mantega nas vésperas das eleições ampliaram o desgaste do Partido dos Trabalhadores

média fluminense, o que o levou a uma opção bizarra: apesar de aceitar o apoio do PT, Freixo não quer nem saber de posar ao lado do ex-presidente Lula. Parte de seus apoiadores tenta convencer os antipetistas com o discurso de que o PSOL fazia oposição a Lula e Dilma Rousseff, enquanto o rival, o bispo Marcelo Crivella, do PRB, foi ministro da ex-presidenta.

Crivella, por sua vez, apagou Lula de uma foto durante a campanha no primeiro turno para se sentir mais confortável no ataque a Pedro Paulo, candidato do PMDB e do atual prefeito Eduardo Paes. O pastor é primo de Edir Macedo, fundador da Igreja Universal

do Reino de Deus, e aposta no voto evangélico para finalmente chegar ao poder na cidade, após algumas tentativas fracassadas. A trupe de Crivella tem explorado o conservadorismo contra Freixo, apontado como candidato de “gays, maconheiros e comunistas”. Não se sabe qual dos dois provoca mais calafrios na Rede Globo e nos moradores da zona sul.

Quem tentou surfar no antipetismo e fracassou foi a Rede, de Marina Silva. Em sua primeira eleição municipal, o partido conquistou meras cinco prefeituras no primeiro turno e foi ao segundo em outras três. Em todas venceu com candidatos oriundos da “velha” política, ex-integrantes de legendas como o PP. O município

mais relevante até agora é Cabo Frio, no litoral fluminense (100 mil habitantes). A única capital onde ainda tem chance é em Macapá, onde Clécio Luís, ex-PSOL, disputa a reeleição.

Por conta do fracasso e das posições ambíguas, a Rede sofreu ainda com uma debandada de fundadores de peso, entre eles Luiz Eduardo Soares e Liszt Vieira. A carta de desfiliação desafia críticas duras ao personalismo de Marina e dos rumos da legenda, que teria se construído “como uma legião de pessoas de boa vontade e nenhum rumo”. E prossegue: “A sociedade brasileira não sabe o que pensa a Rede, nem consegue situá-la no espectro político-ideológico. A autoindulgente declaração de respeito às diferenças internas não basta para dar identidade a um partido e justificar a sua existência”. Integrantes do partido rebateram as acusações e amenizaram o episódio ao justificar que divergências são naturais em um partido em fase de estruturação.

O PROS e o Solidariedade, de identidade difusa e igualmente estrepantes em eleições municipais, saíram-se melhor. O PROS conquistou 53 prefeituras, enquanto o Solidariedade, comandado pelo deputado federal Paulinho da Força, apoiador de primeira hora do golpe e aliado até o fim do peemedebista Eduardo Cunha, levou 62.

O resultado das urnas aumentou a pressão em favor de mudanças no comando do PT. Boa parte das lideranças, a começar pelo atual presidente, Rui Falcão, defende a nomeação de Lula para o posto, sob o argumento de que o ex-presidente seria o único capaz de unificar o partido e evitar uma debandada de filiados. O dia a dia ficaria a cargo de um nome de confiança do ex-presidente, alguém como Gilberto Carvalho. Lula resiste à ideia, mas, diante da falta de opções, talvez venha a ser convencido. O PT trocaria assim a renovação necessária para o



ACM Neto consagrou o “neocarlismo” em Salvador. A ambiguidade de Marina Silva prejudicou a Rede. O PDT dos irmãos Cid e Ciro Gomes saiu-se bem

futuro pela necessidade imediata de juntar os cacos e cerrar fileiras para 2018.

Há quem continue a pregar a “refundação” do partido e há quem defenda a formação de uma frente ampla de esquerda, nos moldes uruguaios, para enfrentar a disputa presidencial daqui a dois anos. O PT teria, no entanto, de abrir mão da primazia de indicar o cabeça de chapa, caso a candidatura de Lula se torne completamente inviável por uma nada improvável condenação do juiz Sergio Moro. Uma das opções seria apoiar Ciro Gomes, do PDT, em torno de um projeto de desenvolvimento conjunto que envolveria outras legendas. Ao lado do irmão Cid, Ciro colhe os frutos do bom desempenho de seus candidatos no



Ceará e do aumento de prefeituras administradas pelo partido, de 304 para 334.

O assunto provocou embates na reunião da Executiva Nacional do PT, na quarta-feira 5, em Brasília. Após o encontro, o deputado federal Reginaldo Lopes, da Secretaria de Assuntos Institucionais, defendeu um processo profundo



MARCELO FREIXO, DO PSOL, TORNOU-SE A ESPERANÇA DAS ESQUERDAS AO IR PARA O SEGUNDO TURNO NO RIO DE JANEIRO

de reformas, além da simples troca de comando. “Precisa decidir se vai refundar o partido ou fazer a frente de esquerda... Escolher um novo nome é bobagem. Acho que ficou tarde”, disse sobre a possibilidade de indicação de um novo presidente. “Não tem salvador da pátria. Acho que, na situação em que estamos, nem se colocássemos Deus no cargo resolveria.”

Lopes foi um dos candidatos derrotados do partido. Ele disputou a prefeitura de Belo Horizonte e terminou em quarto lugar, com 7,27% dos votos. “O PT deve uma resposta à sociedade. Chegou a hora de apresentar um conjunto de ideias

para resolver a crise econômica. Ficar só batendo na tecla do golpe não dá. Aí é ficar dentro da bolha que já é nossa”, analisou. Falcão atenuou: “Isso é uma opinião pessoal dele”. O principal resultado do encontro foi, porém, a decisão de apoiar “incondicionalmente as candidaturas do PSOL, do PCdoB, da Rede e do PDT nas capitais, bem como daqueles com quem já estivemos no primeiro turno”. Em nota, o PT acrescentou: “Conclamamos a militância a cerrar fileiras em torno das sete candidaturas petistas neste segundo turno: Recife, Juiz de Fora, Santo André, Mauá, Vitória da Conquista, Santa Maria e Anápolis. É decisivo envidar

esforços para unir o eleitorado democrático e popular, abrindo nossas campanhas para todos e todas que desejarem compartilhar dessa empreitada”.

O projeto da frente ampla parece ainda em estágio larval, como demonstra a atitude do ex-ministro e deputado federal pelo PCdoB, Orlando Silva. Logo após o primeiro turno, o parlamentar foi à paulista São Bernardo do Campo, terra de Lula, para declarar seu apoio ao tucano Orlando Morando, ainda na disputa. Sobre a decisão, declarou: “Ficar neutro, anular voto ou se abster é renunciar à democracia e renunciar ao direito de participar”. E assim caminha a esquerda. •